

# Das Operações Baseadas em Efeitos à Comprehensive Approach

Guillém Colón

*Licenciado em Sociologia e em Ciências Políticas. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Autônoma de Barcelona. Doutor em Segurança Internacional pelo Instituto Geral Gutiérrez Mellado (Madrid). Professor na área de Ciência Política da Universidade Pablo de Olavide (Sevilha) e de Estudos Estratégicos no Instituto Geral Gutiérrez Mellado.*

## Resumo

As Operações Baseadas em Efeitos (EBO) constituíram, durante cerca de uma década, uma das ideias mais comentadas na esfera militar. Relacionadas com a *Revolução nos Assuntos Militares* e concebidas como um dos princípios que deviam guiar os processos de transformação militar, as EBO foram inicialmente concebidas como um processo para a selecção de alvos a bater, constituindo-se, com o passar do tempo, como uma forma de entender as operações que integravam o esforço militar e não-militar. Esta nova forma de operar que devia garantir vitórias rápidas, decisivas e sem efeitos colaterais teve o seu baptismo de fogo durante a invasão do Afeganistão e do Iraque. Os seus modestos resultados em ambas as campanhas junto com a mudança de rumo tomada pela transformação americana e a emergência do *Comprehensive Approach* como novo paradigma da gestão integrada civil-militar de crises, desprestigiaram este conceito tendo provocado o seu desaparecimento das agendas de transformação militar de vários países.

O presente artigo faz uma revisão do nascimento, evolução e ocaso das operações baseadas em efeitos nas suas duas principais concepções: a original norte-americana e a sua interpretação por parte dos aliados.

## Abstract

### *From Effects Based Operations to the Comprehensive Approach*

*During the last decade, the Effects-Based Operations (EBO) were one of most discussed concepts among the defense community all over the world. Closely related to the Revolution in Military Affairs and encumbered as one of the guiding principles of the military transformation processes of the advanced countries, they were initially conceived as a new style of targeting; but they were later understood as a new way of conducting full-spectrum operations characterized by the total integration of military and non-military efforts. Although this new way of fighting that should guarantee rapid, decisive and clean operations had its baptism of fire in Afghanistan and Iraq; its modest results in both campaigns, the change of track taken by the American military transformation and the development of the Comprehensive Approach as the new model for conducting civilian-military crisis management operations, have discredited this concept and provoked its disappearance of the transformational agendas of the advanced countries.*

*Bearing these elements in mind, this article will analyse the birth, evolution and crisis of the Effects Based Approach in its two main conceptions, the American and the Allied ones.*



## Introdução

Conhecidas popularmente pelo seu acrónimo EBO (*Effects Based Operations*), as Operações Baseadas em Efeitos constituíram, durante mais de uma década, uma das ideias mais mediatizadas na esfera militar, estreitamente relacionadas com a Revolução nos Assuntos Militares (*Revolution in Military Affairs* – RMA) e caracterizadas como um dos princípios que deviam guiar os processos de transformação militar das nações avançadas.

Inicialmente, as EBO foram concebidas como um novo processo para a selecção de alvos a abater (*targeting*), mas com o tempo prefiguraram-se como um novo estilo de entendimento das operações, integrando desde o primeiro momento e ao mais alto nível, o esforço militar e não-militar. Esta nova forma de operar que devia garantir vitórias rápidas, decisivas e sem efeitos colaterais teve o seu baptismo de fogo durante a invasão do Afeganistão e do Iraque, mas os modestos resultados em ambas as campanhas junto com a mudança de rumo tomada pela transformação militar norte-americana e a emergência do *Comprehensive Approach* como novo paradigma da gestão integrada civil-militar de crises, desprestigiaram este conceito provocando seu desaparecimento das agendas de transformação de vários países. O presente artigo fará uma análise do nascimento, evolução e ocaso das EBO nas suas duas principais concepções (a original norte-americana e a sua interpretação por parte dos países aliados), uma ideia encarada à altura como um dos pilares de numerosos processos de transformação militar e hoje em dia remetida quase ao esquecimento pela comunidade de defesa internacional.

## As Operações Baseadas em Efeitos (EBO)

Muitos foram os generais que, ao longo da História e através das acções das suas campanhas, procuraram obter os maiores efeitos possíveis sobre o moral e a vontade de combater do adversário.

As origens das EBO remontam ao ano de 1991, quando vários analistas de defesa norte-americanos – fascinados pela actuação da Força Aérea durante a Operação Tempestade do Deserto e seduzidos pela Revolução nos Assuntos Militares que prometia transformar a arte da guerra – vaticinaram que o poder aéreo se transformaria na peça central da guerra século XXI<sup>1</sup>.

---

1 Uma breve análise da Revolução nos Assuntos Militares pode ser encontrada em O'Hanlon, 2000 e em Sloan, 2002.

Para justificar tão ousada afirmação, pensadores como John Boyd, John Warden, David Deptula, Robert Pape ou Edward Luttwak, recuperaram as teses dos teóricos do bombardeamento estratégico da Segunda Guerra Mundial e aplicaram-nas à conjuntura internacional do momento, prevendo que as novas tecnologias (sofisticados sistemas C<sup>4</sup>ISTAR e modernas armas de precisão) permitiriam, ao poder aéreo, destruir os centros de gravidade do dispositivo de qualquer adversário com uma rapidez, efectividade e precisão sem precedentes, neutralizando com isso qualquer possibilidade de resposta e minando a sua vontade para continuar com as operações de combate, e tudo isto sem que fosse necessária a destruição física do seu potencial militar (Warden, 1998; Luttwak, 1996; Fadok, 1994; Pape, 1996).

Além disso, John Boyd – criador do conceito *OODA loop* para se referir ao processo de tomada de decisões baseado na Observação, Orientação, Decisão e Actuação – declarou que os sofisticados sistemas de informação e comunicações próprios da RMA permitiriam realizar este ciclo de forma muito mais rápida e efectiva que no passado, penetrando-se muito mais facilmente no processo de tomada de decisões do adversário, paralisando-o totalmente sem requerer a destruição completa do seu potencial militar (Osinga, 2005).

Na mesma linha, David Deptula assegurou que os novos materiais tecnologicamente avançados que estavam a ser incorporados no catálogo de capacidades da Força Aérea norte-americana – especialmente os sofisticados sistemas C<sup>4</sup>ISTAR, os primeiros exemplares de veículos aéreos não-tripulados ou os avançados modelos de armamento – permitiriam realizar operações de Guerra Paralela (*Parallel Warfare*), atacando em simultâneo e de forma rápida e decisiva todos os centros de gravidade do adversário, alcançando a sua total e completa paralisia e forçando a sua rendição sem ter de recorrer à invasão terrestre (Deptula, 1996, 127-56).

Essas ideias foram amplamente aceites na Universidade da Força Aérea norte-americana, que no período imediato do pós Guerra Fria estava em fase de identificação das lições aprendidas na sua participação na Guerra do Golfo e a analisar os possíveis efeitos da RMA sobre os equipamentos, procedimentos e organização da Força Aérea. Os estudos realizados não só concluíram que esta revolução alteraria completamente a forma de conceber e dirigir a guerra aérea, como também que a sua exploração requereria desenvolver novos conceitos operativos que se iriam concretizar nas EBO, na Guerra Paralela, nas Operações Rápidas e Decisivas e de Domínio Rápido.

Assim, enquanto as EBO se materializariam como uma nova forma de seleccionar os objectivos a bater (*targeting*) sendo determinadas pelos efeitos que a sua neutralização poderia ter para a consecução dos objectivos estratégicos, operacionais

e táticos da campanha<sup>2</sup>, a Guerra Paralela basear-se-ia neste novo enfoque para atacar simultaneamente todos os sistemas de combate do inimigo, as Operações Rápidas e Decisivas (*Rapid Decisive Operations*) (USJFCOM J9 Concepts Division, 2001) derrotariam o adversário de forma decisiva, e as de Domínio Rápido (*Rapid Dominance*) visariam paralisar o inimigo com ataques rápidos e coordenados contra os seus centros de gravidade (Ullman e Wade, 1996).

Em breve estas ideias transcenderam as fronteiras do poder aéreo para se integrarem no corpo doutrinário norte-americano expresso na *Joint Vision 2010*, documento marcante da Revolução Americana nos Assuntos Militares (Chairman of the Joint Chiefs of Staff, 1996). Não obstante, enquanto as Operações Rápidas e Decisivas, a Guerra Paralela ou a Dominação Rápida passaram para um segundo plano devido tanto aos discretos resultados obtidos nos projectos experimentais Global Engagement IV (1998), Joint Expeditionary Force Experiment (1999) ou Rapid Decisive Operations (2000) como às disputas entre seus defensores e detractores destas abordagens conceptuais.

Nesta diatribe as EBO saíram reforçadas porque, junto com o conceito de Guerra em Rede (*Network-Centric Warfare*), foram caracterizadas como um dos pilares da transformação militar norte-americana, um processo originalmente destinado a reforçar a RMA e a preparar as forças armadas do país para os desafios futuros, mediante o planeamento e *tailoring* de umas forças plenamente conjuntas, organizadas em rede, operando segundo o conceito de EBO e combatendo em todo o espectro das operações (Office of the Secretary of Defense, 2003).

Foi, pois, neste momento que as EBO, que tinham arrancado como uma nova forma de *targeting* e tinham evoluído para uma original filosofia operacional baseada em efeitos, se consolidaram como um novo enfoque das operações integrando os diferentes instrumentos militares à disposição do Estado para oferecer uma resposta coerente e satisfatória a qualquer crise internacional (Glesson *at al.*, 2001).

Realmente, em princípios de 2001 um dos mais influentes e reputados centros de estudo vinculados ao Pentágono publicou uma investigação que colocava a possibilidade de aplicar este novo conceito de EBO como instrumento de emprego do potencial nacional utilizando-o tanto em tempos de paz como em situações de crise ou de guerra. Esta ideia, à altura revolucionária, teve uma fantástica recepção entre a comunidade de defesa norte-americana, tendo sido logo incluída na doutrina oficial.

---

2 Tal como sustenta a doutrina básica da USAF: "...fundamental to the Air Force's success in the next century is its ability to focus on the effects desired to achieve campaign objectives, whether at the strategic, operational, or tactical levels [...] Planners should clearly define the desired effect, then identify the optimum capability for achieving that effect." (Department of the Air Force, 1991).

Assim, o Comando Conjunto Norte-americano (*United States Joint Forces Command* - USJFCOM) - órgão encarregado de implementar a transformação militar americana - publicou no final de 2001 um livro branco sobre as Operações Baseadas em Efeitos onde as definia como "...um processo destinado a obter um resultado ou efeito estratégico sobre o adversário através da aplicação sinérgica e acumulativa de todas as capacidades, tanto militares como não-militares, em todos os níveis do conflito - (USJFCOM J9 Concepts Division, 2001)<sup>3</sup>. Por outras palavras, uma operação deste tipo fundamentava-se num amplo conhecimento do ambiente operacional - um sistema de sistemas formado por elementos políticos, militares, económicos, sociais, infra-estruturais e informacionais (PMESII)<sup>4</sup> - com o fito de influenciar o comportamento dos actores e/ou as características do sistema mediante o emprego integrado dos instrumentos do poder nacional (meios diplomáticos, informacionais, militares ou económicos) para alcançar os objectivos estratégicos e o *end state* desejado.

Estas ideias sofisticadas tiveram uma grande aceitação internacional e países como a Grã-Bretanha, o Canadá, a Itália, a França, Israel, a Austrália, Singapura, a China e inclusive a Aliança Atlântica tentaram associar - em na sua concepção inicial de *targeting* ou no caso da Aliança no planeamento estratégico integral - este novo enfoque às operações procurando integrá-las nas doutrinas nacionais.

No entanto, foi também da esfera internacional que saíram as bases teóricas do *Comprehensive Approach*, o concorrente conceptual mais directo das EBO.

Esta conceptualização foi iniciada pela Grã-Bretanha. As suas forças armadas, que concebiam as EBO como "...operações desenhadas para influenciar a vontade do adversário, das nossas forças ou de terceiros mediante a aplicação coordenada das capacidades militares e assim alcançar os objectivos estratégicos desejados" (Joint Doctrine & Concepts Centre, 2004, 12); entendiam que estas constituíam a vertente militar da denominada Abordagem Baseada em Efeitos (*Effects Based Approach*), definida como "...a aplicação coordenada e harmonizada das capacidades derivadas dos três instrumentos do poder nacional [político, económico e militar] com o fito de alcançar os fins estratégicos desejados." (Joint Doctrine & Concepts Centre,

---

3 Três anos mais tarde publicar-se-ia outro trabalho onde se definiriam as Operações Baseadas em Efeitos como: "...operations that are planned, executed, assessed, and adapted based on a holistic understanding of the operational environment in order to influence or change system behaviour or capabilities using integrated application of select instruments of power to achieve directed policy aims." (USJFCOM J9 Concepts Division, 2004).

4 Para analisar este meio complexo estabeleceu-se a Análise Operacional em Rede (Operational Net Assessment - ONA), que o examinava como um sistema de sistemas cujos domínios PMESII poderiam ser alterados pelas EBO nas esferas diplomática, informacional, militar e económica.

2004, 13). No entanto, e em breve, esta Abordagem Baseada em Efeitos – adoptada também por países como a Austrália e o Canadá (Graham e Smith-Windsor, 2004 e Australian Defence Force, 2005) – passou a denominar-se de *Comprehensive Approach* (Joint Doctrine & Concepts Centre, 2006).

Enquanto este novo modelo de actuação, baseado no emprego integrado dos diferentes instrumentos do poder nacional passou a receber grande atenção por parte da comunidade internacional (muitos são os países que estão a desenvolver cada um dos conceitos de *Comprehensive Approach*), as EBO foram perdendo atracção.

Esta menor atracção foi muito mais reforçada aquando da invasão do Afeganistão e do Iraque quando se deu início às operações de estabilização, contra-insurreição e contra-terrorismo num cenário híbrido (Hoffman, 2007) e contra um adversário irregular (Colom, 2009). Mais tarde, em 2006, Israel – que durante a década de noventa tinha importado e integrado na sua doutrina estes conceitos e ideias – ao aplicá-las para combater o Hezbollah em território libanês, obteve resultados pouco satisfatórios (Mattews, 2008).

Eventos como estes não só motivaram uma mudança de rumo na transformação militar norte-americana, que se tornaria efectiva com a nomeação de Robert Gates para Secretário da Defesa (Kagan, 2006, 323-25); como também incitaram ao recém nomeado Chefe de Estado Maior-General das Forças Armadas norte-americanas, o General James N. Mattis, a emitir uma circular na qual instava os três ramos a abandonarem as EBO já que estas campanhas atrás referidas tinham revelado as grandes lacunas desta abordagem doutrinária (Mattis, 2008).

Muitas eram as razões avocadas por Mattis para apoiar tão drástica decisão, indo desde a especial referência ao descomunal volume de informação necessário para a sua correcta aplicação, à impossibilidade prática de prever as reacções do adversário, à sua excessiva fé na análise quantitativa ou à sua incapacidade em influenciar decisivamente a actuação dos actores não estatais.

Esta decisão provocou uma grande polémica entre as fileiras da US Air Force (USAF), a qual tinha até ao momento sido a promotora e principal defensora deste conceito doutrinário. Havia-se atingido um ponto de viragem e os restantes ramos não tardariam a abandonar estudos no sentido de uma maior e melhor operacionalização das EBO.

### **Abordagem às Operações Baseadas em Efeitos (EBAO) no Contexto NATO**

A Aliança Atlântica também aderiu à ideia das operações baseadas em efeitos com a sua peculiar Abordagem às Operações Baseadas em Efeitos (*Effects Based Approach*

to Operations – EBAO), apresentado de maneira apócrifa como o princípio do seu processo de transformação militar. Muito similar à sua contra-parte norte-americana – não foi em vão que esta surgiu quando o Chefe do recém criado Comando Aliado de Transformação (ACT) era Edmund Giambastiani, um fervoroso seguidor da Revolução nos Assuntos Militares, e que assumiu um maior protagonismo quando o General da Força Aérea Lance Smith assumiu o comando do ACT. A EBAO tem as suas origens em Agosto de 2004, quando os recém-criados Comando Aliado de Operações (ACO) e ACT apresentaram o primeiro documento marcante sobre como deveria ser definido o processo de transformação militar da NATO (NATO Strategic Commanders, 2004).

Uma das ideias recolhidas por este estudo foi que a maioria das operações de gestão de crises que se tinham realizado no pós-Guerra Fria tinha requerido o emprego de uma variada gama de ferramentas de tipo militar e civil (políticas, diplomáticas, judiciais, económicas, humanitárias, informacionais, policiais, etc.). Portanto, se a Aliança Atlântica queria manter a sua privilegiada posição na gestão de crises internacionais, era vital que reforçasse os laços com organizações como as Nações Unidas ou a União Europeia e empregasse todos os meios à sua disposição mas sem ultrapassar os limites fixados pelo Guia de Política Geral (*Comprehensive Political Guidance*), que determina que a NATO não desenvolverá capacidades específicas para fins civis<sup>5</sup>.

Estes planeamentos foram ratificados na Cimeira de Istambul, onde nasceu o compromisso político com vista a empreender o desenvolvimento da EBAO, como um novo enfoque conceptual às operações, caracterizado pela harmonização dos diferentes instrumentos do potencial aliado (político, económico, civil e militar)<sup>6</sup> reforçado com a cooperação prática e pragmática com os restantes actores participantes na gestão das crises, pretendendo alcançar um planeamento e condução das operações militares de forma mais eficiente, coerente e sustentada nas acções e efeitos que pudessem realizar-se tanto na esfera militar como civil, tudo isto com o fim de resolver a crise de forma satisfatória e duradoura.

---

5 O Guia de Política Geral – aprovado pelo Conselho do Atlântico em 2005 e referendado na Cimeira de Riga um ano depois – analisa as grandes tendências estratégicas dos próximos quinze anos, identifica as ameaças mais previsíveis com que a Aliança deverá confrontar-se e define as capacidades que esta deverá desenvolver para lhes fazer frente. Isto transformou-o, de facto, num pseudo-conceito estratégico que marcou a direcção política aliada até à aprovação do novo Conceito Estratégico em 2010 na Cimeira de Lisboa.

6 Neste sentido, o instrumento político entende-se como o emprego de meios políticos e diplomáticos em cooperação com outros actores internacionais relevantes; o económico como a utilização de incentivos e sanções económicas adoptadas pelas Nações aliadas ou ONU; o civil como actuações de natureza judicial, policial, educativa, informativa ou administrativa; e o militar como a dissuasão ou emprego efectivo da força.



No entanto, para realizar a EBAO não bastava integrar o instrumento militar e civil, mas também que as forças da Aliança pudessem projectar-se rapidamente para qualquer ponto do globo e uma vez lá assegurar uma sustentação logística integrada. Adicionalmente, e uma vez no teatro de operações, as forças da NATO deveriam conhecer melhor o território que as forças inimigas, podendo operar em rede em todo o espectro das operações, assegurando que os efeitos produzidos pelas operações militares fossem coerentes com os gerados pelos restantes instrumentos não militares do potencial aliado. Em consequência, a coerência nos efeitos, a superioridade na decisão e o desdobramento e apoio conjunto das operações não só deviam corresponder aos elementos necessários para uma efectiva execução das EBAO, mas também deveriam estar em sintonia com as áreas básicas elencadas para a transformação militar aliada.

O desenvolvimento conceptual da EBAO foi atribuído ao ACT, que apresentou dois projectos do Conceito para as Operações Futuras da Aliança (*Concepts for Alliance Future Joint Operations* - CAFJO), um documento que apresentava o catálogo de capacidades necessárias para a NATO enfrentar os desafios do terceiro milénio, enquadrando-os conceptualmente neste novo modelo. No entanto, ante a impossibilidade de alcançar o consenso requerido para aprovar o documento, o Comité Militar optou por desenvolver a EBAO em duas fases: uma inicial, orientada para definir militarmente o conceito e outra posterior para criar um documento estratégico similar ao CAFJO.

Após árduas discussões entre as delegações nacionais sobre o alcance e implicações da EBAO, em meados de 2006 o Comité Militar aprovou pelo procedimento de silêncio este conceito, definido como "...a aplicação coerente e integral dos diferentes instrumentos do potencial aliado que, junto com a cooperação com actores externos à NATO, criará os efeitos precisos para atingir os objectivos planeados, alcançando assim a situação final desejada pela Aliança." (MCM-0052-2006, 2006); e procedeu imediatamente ao seu desenvolvimento e implementação com a criação de um grupo de trabalho com representantes de ambos os comandos estratégicos de modo a integrar a EBAO na doutrina militar aliada.

Foi precisamente nesta conjuntura que se alavancaram as bases conceptuais da Abordagem Abrangente (*Comprehensive Approach*), que se viria a prefigurar, indiscutivelmente, como a grande iniciativa quanto ao futuro *modus operandi* da Aliança Atlântica (Smith-Windsor, 2008). Enquanto se estava a articular a EBAO, em Abril de 2006 um grupo de sete países formados pelo Canadá, República Checa, Dinamarca, Hungria, Holanda, Noruega e Eslováquia apresentaram um curto documento denominado *Concerted Planning and Action*, como objectivo alimentar o debate sobre a natureza e implicações da EBAO. Este trabalho propunha várias medidas destinadas

a favorecer a coordenação dos meios militares e civis à disposição da NATO em coordenação com outros actores internacionais relevantes em matéria de gestão de crises. O enfoque partiu da necessidade de, de uma forma coerente, como referido no Guia de Política Geral, melhorar a coordenação interna na Aliança e entre esta e os outros actores, descartando no entanto o desenvolvimento de capacidades específicas para fins civis.

Na Cimeira de Riga de Novembro de 2006 lançou-se esta iniciativa – considerada inicialmente como a vertente civil da EBAO ou uma referência geral de actuação da Aliança Atlântica em matéria de gestão de crises – com a denominação provisória de *Concerted Action* antes de passar à denominação definitiva de *Comprehensive Approach*.

Desde então, e de acordo com a solicitação do Secretário-Geral, a configuração da *Comprehensive Approach*, corre a cargo de um Comité Político Reforçado (*Political Committee at Senior Level Reinforced – SPC-R*) que está a desenvolver um documento conceptual e um plano de acção destinados a aplicar e impulsionar a *Comprehensive Approach* dentro da estrutura político-militar aliada.

Mesmo que ainda não se tenha conhecimento público de detalhes concretos sobre a evolução deste trabalho conceptual (além de que este versará sobre a melhoria dos instrumentos internos da Aliança em matéria de gestão de crises e das suas relações com outros actores relevantes na avaliação da situação) o planeamento e condução das operações incluirá medidas para melhorar o intercâmbio de informação, o treino conjunto e a comunicação pública entre os representantes civis e militares aliados, as ONG e as organizações internacionais como a OSCE, a União Europeia ou as Nações Unidas (Jacobsen, 2008). Além disso, este plano de acção constitui a base sobre a qual trabalha a *Comprehensive Approach Task Force*, um grupo de estudo multidisciplinar formado por representantes do Estado-Maior Internacional, do Comando Aliado para as Operações, do Comando Aliado para a Transformação, do Comité Militar e outros órgãos auxiliares com o objectivo de implementar esta iniciativa no seio da Aliança.

Nas Cimeiras de Bucareste, de Abril de 2008 e de Estrasburgo-Kehl um ano depois, os Chefes de Estado e de Governo aliados ratificaram o valor da *Comprehensive Approach* para a gestão de crises internacionais e enalteceram os esforços realizados pelo SPC-R na sua definição, articulação e implementação. Nesta última cimeira os governantes elogiaram a nova estratégia da NATO para o Afeganistão que, baseada na aplicação prática da *Comprehensive Approach*, pretende concertar o esforço aliado nos planos político, diplomático, militar, informacional, e de ajuda ao desenvolvimento para reforçar a credibilidade e a imagem local da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF) e assim contribuir para a estabilização do país.

Em resumo, a *Comprehensive Approach* – uma iniciativa patrocinada por uma NATO ávida por manter a sua razão de ser e apresentada ante a opinião pública euro-atlântica como a grande iniciativa para adaptar o funcionamento, estrutura e capacidades da Aliança aos desafios do terceiro milénio – substituiu de facto a EBAO como *modus operandi* e fulcro dos debates político-militares sobre o futuro da Aliança Atlântica. Não obstante, a estrutura militar continuou a desenvolver estudos sobre a definição da EBAO (com a elaboração de um manual pré-doutrinário onde se integrou esta filosofia no novo processo de planeamento operacional e se desenvolveram ferramentas informáticas para facilitar o seu planeamento, condução e avaliação), apesar de esta abordagem ter os dias contados.

A sentença de morte da EBAO como conceito operacional e pilar conceptual do processo de transformação militar aliado foi ditada por James N. Mattis, o mesmo General que acabou com a EBO norte-americana. A circular elaborada por Mattis – que até Setembro de 2009 também tinha sido o comandante do ACT, ia dirigida às suas forças armadas e sublinhava que esta decisão não tinha extrapolação automática para a EBAO. No entanto, a suspensão da EBO iria alastrar, inevitavelmente, para a EBAO.

Apesar desta conjuntura desfavorável, as autoridades militares aliadas não abdicaram de revitalizar a EBAO. Concomitantemente, não só tentaram apresentar esta ideia como a vertente militar da *Comprehensive Approach* como também promoveram um Pensamento Baseado em Efeitos (*Effects Based Thinking*) que refinasse o corpo doutrinário aliado e melhorasse o processo de planeamento aos níveis estratégico e operacional. Foi também lançada uma nova terminologia – Capacidade Integral para o Planeamento e Condução de Operações (*Comprehensive Operations Planning and Execution Capability*) – que acentuava a integração dos diferentes instrumentos do potencial aliado e abandonava qualquer possível relação com o legado das EBO.

No entanto, este conjunto de iniciativas serviu de muito pouco e a EBAO foi finalmente banida da linguagem aliada em Fevereiro de 2010 com a apresentação de um relatório no qual os dois comandos estratégicos resolviam abandonar definitivamente o conceito. Deste conceito somente se manterá o Pensamento Baseado em Efeitos com o intuito de enquadrar o desenvolvimento da *Comprehensive Approach* e facilitar a compreensão política da complexidade contida em qualquer processo de planeamento operacional. O conceito de efeito empregar-se-á para identificar os objectivos a alcançar nos níveis estratégico e operacional. O resto dos elementos vinculados à EBAO desaparecerão e a transformação militar aliada – um processo vagamente definido – terá perdido o que era, de facto, o seu princípio fundamental.

## Conclusões

Veneradas por militares, políticos e académicos de todo o mundo durante mais de uma década, as Operações Baseadas em Efeitos surgiram como um produto da Revolução nos Assuntos Militares e materializam-se como um dos princípios que deviam guiar os processos de transformação militar de muitos dos Estados ocidentais. Mesmo que, no plano teórico, este novo estilo de planeamento militar promettesse muitos sucessos, as experiências afegã, iraquiana ou libanesa encarregaram-se de expor as suas carências e importantes limitações. Esta reduzida utilidade prática, unida à mudança de rumo assumida pelos processos de transformação militar e à ascensão da *Comprehensive Approach* como novo paradigma da gestão integrada civil-militar de crises, materializou o declínio das Operações Baseadas em Efeitos e o posterior desaparecimento deste conceito das agendas político-militares dos países aliados.

Actualmente, as Operações Baseadas em Efeitos já são parte da história, sendo muitas as Forças Armadas que integraram este conceito no seu processo de planeamento operacional e muitos os países que também estão a adoptar o derivado directo das EBO: o *Comprehensive Approach*.

Por outras palavras, mesmo que as conceptualizações associadas às Operações Baseadas em Efeitos – tal e qual como foram pensadas originalmente – tenham sido ultrapassadas, estas não passaram ao esquecimento, pois a sua filosofia ainda continua viva e a sua herança persiste, especialmente fora da esfera militar.

## Bibliografia

- Australian Defence Force, 2005. *Future Warfighting Enabling Concept: Effects Based Operations Discussion Paper*. Canberra: Ministry of Defence. Disponível em: [www.defence.gov.au/strategy/fwc/documents/EBO\\_DP.pdf](http://www.defence.gov.au/strategy/fwc/documents/EBO_DP.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Chairman of the Joint Chiefs of Staff, 1996. *Joint Vision 2010*. Washington DC: U.S. Government Printing Office. Disponível em: [www.dtic.mil/jv2010/jv2010.pdf](http://www.dtic.mil/jv2010/jv2010.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Colom, G., 2009. “Estados Unidos en Afganistán e Iraq y los límites de la transformación”. In F. Américo e J. Peñaranda (comp.) *Dos décadas de Posguerra Fría*, Madrid: IUGGM-UNED, 81-95.

- Department of the Air Force, 1991. *AFDD1 – Air Force Basic Doctrine*. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 32. Disponível em: [www.dtic.mil/www.dtic.mil/doctrine/jel/service\\_pubs/afdd1.pdf](http://www.dtic.mil/www.dtic.mil/doctrine/jel/service_pubs/afdd1.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Deptula, D., 1996. “Parallel Warfare: What is it? Where did it Come From? Why is it Important?”. In W. Head e E. Tilford (eds.) *The Eagle in the Desert: Looking Back on U.S. Involvement in the Persian Gulf War*. Westport: Praeger, 127-56.
- Fadok, D., 1994. *John Boyd and John Warden: Air Power’s Quest for Strategic Paralysis*. Maxwell: Air University Press.
- Glesson, D. et al., 2001. *New Perspectives on Effects-Based Operations*. Alexandria: Institute for Defense Analyses Disponível em: [www.handle.dtic.mil/100.2/ADA395129](http://www.handle.dtic.mil/100.2/ADA395129). [Data de acesso: 04/10/10].
- Graham, J. e Smith-Windsor, B., 2004. *Effects Based Approach to Coalition Operations: A Canadian Perspective*. Ottawa: National Defence Headquarters Disponível em: [www.dodccrp.org/events/2004\\_CCRTS/CD/papers/165.pdf](http://www.dodccrp.org/events/2004_CCRTS/CD/papers/165.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Hoffman, F., 2007. *Conflict in the 21st Century: the Rise of Hybrid Wars*. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies Disponível em: [www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac\\_hybridwar\\_0108.pdf](http://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Jacobsen, P., 2008. *NATO’s Comprehensive Approach to Crisis Response Operations: A Work in Slow Progress, DISS Report 2008-15*. Copenhagen: Danish Institute for International Studies. Disponível em: [www.diis.dk/Report\\_2008-15\\_NATO\\_Comprehensive\\_Approach\\_Crisis\\_Response\\_Operations.pdf](http://www.diis.dk/Report_2008-15_NATO_Comprehensive_Approach_Crisis_Response_Operations.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Joint Doctrine & Concepts Centre, 2004. *The UK Approach to the Planning, Execution and Assessment of Effects-based Operations*. Shrivenham: Ministry of Defence, 12.
- Joint Doctrine & Concepts Centre, 2006. *The Comprehensive Approach*. Shrivenham: Ministry of Defence. Disponível em: [www.mod.uk/NR/rdonlyres/25A7F4A2-31C2-49D8-A857-4D31750CBD6F/0/20071218\\_jdn4\\_05\\_U\\_DCDCIMAPPS.pdf](http://www.mod.uk/NR/rdonlyres/25A7F4A2-31C2-49D8-A857-4D31750CBD6F/0/20071218_jdn4_05_U_DCDCIMAPPS.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Kagan, F., 2006. *Finding the Target: The Transformation of American Military Policy*. New York: Encounter Books.
- Luttwak, E., 1996. “A Post-Heroic Military Policy” In *Foreign Affairs*, 75, 4, 33-44.

- Mattews, M., 2008. "We Were Caught Unprepared: The 2006 Hezbollah-Israel War", *The Long War Series, Occasional Paper 26*. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press. Disponível em: [www.carl.army.mil/download/csipubs/matthewsOP26.pdf](http://www.carl.army.mil/download/csipubs/matthewsOP26.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- Mattis, J., 2008. *Assessment of Effects Based Operations, Memorandum for U.S. Joint Forces Command*. Disponível em: [www.smallwarsjournal.com/documents/usjfcomebomemo.pdf](http://www.smallwarsjournal.com/documents/usjfcomebomemo.pdf). [Data de acesso: 04/10/10].
- NATO Military Committee, 2006. *MC Position on an Effects Based Approach to Operations*. MCM-0052-2006, 6 de Junho.
- NATO Strategic Commanders, 2004. *Strategic Vision, the Military Challenge*. Brussels: NATO Public Information Office. Disponível em: <https://transnet.act.nato.int/WISE/StrategicV/StrategicVhttps://transnet.act.nato.int/WISE/StrategicV/StrategicV>. [Data de acesso: 04/10/10].
- O'Hanlon, M., 2000. *Technological Change and the Future of Warfare: Understanding the Revolution in Military Affairs*. Washington DC: The Brookings Institution Press.
- Office of the Secretary of Defense, 2003. *Military Transformation: a Strategic Approach*. Washington DC: Department of Defense. Disponível em: [www.oft.osd.mil/library/library\\_files/document\\_297\\_MT\\_StrategyDoc1.pdf](http://www.oft.osd.mil/library/library_files/document_297_MT_StrategyDoc1.pdf), 28-35. [Data de acesso: 04/10/10].
- Osinga, F., 2005. *Science, Strategy and War: The Strategic Theory of John Boyd*. The Hague: Euborn. Disponível em: [www.chicagoboyz.net/blogfiles/OsingaBoydThesis.pdf](http://www.chicagoboyz.net/blogfiles/OsingaBoydThesis.pdf). [Data de acesso 04/10/10].
- Pape, R., 1996. *Bombing to Win: Air Power and Coercion in War*. Ithaca: Cornell University Press.
- Sloan, E., 2002. *The Revolution in Military Affairs*. Montreal: McGill-Queen's University Press.
- Smith, E., 2002. *Effects-Based Operations: Applying Network-Centric Warfare in Peace, Crisis and War*. Washington DC: Command & Control Research Program Press. Disponível em: [www.dodccrp.org/files/Smith\\_EBO.PDF](http://www.dodccrp.org/files/Smith_EBO.PDF). [Data de acesso 04/10/10].
- Smith-Windsor, B., 2008. *Hasten Slowly: NATO's Effects Based and Comprehensive Approach to Operations: Making Sense of Past and Future Prospects*. Rome: NATO Defence College. Disponível em: [www.kms1.isn.ethz.ch/serviceengine/Files/](http://www.kms1.isn.ethz.ch/serviceengine/Files/)

ISN/92060/ipublicationdocument\_singledocument/e3c6789a-1821-4029-b200-56176a1ff520/en/rp\_38en.pdf. [Data de acesso 04/10/10].

Ullman, H. e Wade, J., 1996. *Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance*. Washington DC: National Defense University. Disponível em: [www.dodccrp.org/files/Ullman\\_Shock.pdf](http://www.dodccrp.org/files/Ullman_Shock.pdf). [Data de acesso 04/10/10].

USJFCOM J9 Concepts Division, 2001a. *Effects-Based Operations White Paper Version 1.0*. Suffolk: U.S. Joint Forces Command, 13.

USJFCOM J9 Concepts Division, 2001b. *Rapid Decisive Operations Concept Paper*. Suffolk: U.S. Joint Forces Command.

USJFCOM J9 Concepts Division, 2004. *Operational Implications of Effects-Based Operations*. Joint Doctrine Series 7. Fort Monroe: Joint Warfighting Center, 32. Disponível em: [www.dtic.mil/doctrine/jel/other\\_pubs/jwfcam7.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/jel/other_pubs/jwfcam7.pdf). [Data de acesso 04/10/10].

Warden, J., 1998. "Air Theory for the Twenty-First Century". In B. Schneider e L. Grinter (eds.) *Battlefield of the Future*. Maxwell: Air University Press, 103-124.